

Parentalidade, criatividade e psicoterapia infantil¹

“A luz do dia de hoje
exalta os vidros da janela
ao vir da rua de clamor e vertigem
e confina e apaga a tênue voz
dos antepassados.”

(Jorge Luis Borges/Sala Vazia)

Comecei pensando que a relação entre psicoterapia e criatividade faz com que a criatividade, sempre única, original, torne cada psicoterapia única, original.

Resgatar conceitos (coletivos, comuns) poderia nos afastar deste único, original e necessário a cada encontro de pais com filhos. E de terapeutas com eles. Todo encontro parte de um caso único, mesmo que ele pouco sirva para os próximos, assim como os anteriores e suas experiências de faróis voltados para trás, como agora me serve a expressão de Pedro Nava (1984), pouco serviram para ele. Ser pai, mãe e terapeuta é sempre novo, como era a morte para Elias Canetti (1987). E, feito ele, estamos falando da vida, onde falar de um acontecimento único e sagrado revela sintonia com a alma de nosso tema. Freud construiu a psicanálise com estudos de caso único.

A mãe de Amélia me telefonou com a voz embargada. Estava preocupada e triste como a mãe de uma criança que não está bem. Senti algum peso naquele telefonema, logo diluído pelo final da ligação e a marcação da consulta. Eu estava acostumado com mães de voz embargada. Para que peso se o encontro já estava marcado? Eu confiava na capacidade de as mães soltarem suas vozes na direção da leveza. Eu tinha um consultório com endereço fixo, ISSQN e aluguel em dia. Tinha até o nome na placa do hall, legitimando a minha identidade. Eu tinha estudado, lido muitas teorias, escolhido quatro ou cinco, abria mão de uma, pegava outra em seguida. Eu tinha praticado razoavelmente. Volta e meia, acertava. Eu e alguns outros acreditávamos em mim. Aquela semana prometia, e muitas já tinham cumprido.

Primeiro, recebi os pais de Amélia, como de hábito, se a criança tem seis anos. Também tenho hábitos. Ser humano não suportaria o tirão da liberdade se tivesse de ser criativo – ou apaixonado - o tempo inteiro: “(...) Mas quem sabe se não seria este

¹ Baseado em capítulo do livro Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade, editora Bertrand Brasil/Difel, Rio de Janeiro, 2009.

mesmo o castigo divino?/ Um amor que jamais pudesse terminar...”, escreveu o poeta sobre Paolo e Francesca no inferno de Dante. (Quintana, 1990, p. 41).

Perto de inferno e paraíso, a criação costuma provocar incêndios. É preciso um pouco de frio e de neurose para amainar o calor do presente como quem sopra o vergão de um fermento cansado de tanta beleza. A psicanálise tenta aumentar a capacidade de suportá-la e vivê-la. E eu estava empenhado em me manter no combate. Aumentar, cada vez mais, o limite de meu patamar e o dos outros.

Para nós, agora, importa a história dos pais de Amélia, filhos de pais que não os valorizaram. Quer dizer, valorizaram em parte, o suficiente para me procurarem em busca de partes melhores, mas insuficiente valorizarem Amélia como um todo. Por isso vinham. Por isso vêm e viemos. Para reescrever a história a partir de um encontro - definição mais precisa de psicoterapia -, contando a falta e tentando preenchê-la. Não é esta a eterna busca dentro e fora das consultas?

Eu estava estável, quase tranqüilo. Já tinha escrito esta parte da história. Assim o pensava, talvez mais pensando que sentindo, mas o sentimento aparece mesmo é nos encontros. Ainda não tinha encontrado Amélia e só pensava nela como um pai pensa numa filha antes dela nascer. Falando em pai, o meu, há décadas, havia criticado um desenho que eu fizera com afinco. Dias depois de ter me mostrado uma de suas obras, fachada de um prédio na Avenida Ipiranga com um mosaico perfeito de pastilhas multicoloridas, anos mais tarde ridículas, hoje nem perfeitas nem ridículas. A sensação de que eu desenhava mal e jamais faria um mosaico perfeito de pastilhas multicoloridas havia passado. A cada um de meus encontros, tinha arrefecido este desdobramento edipiano, desde a leitura do *Pequeno Príncipe*², com aquele aviador criticado em seus desenhos de infância, mas ainda capaz de voar até poder reescrever com poesia o anseio de sua falta. A leitura do *Pequeno Príncipe* foi a minha primeira psicoterapia³.

Mas Amélia bagunçou a minha história. Cada paciente bagunça a nossa história. Cada Amélia transfere para nós o insolúvel de seus primeiros capítulos e nos faz reler o nosso próprio livro, sempre falho, inconcluso, ignorante. Somos empurrados em direção ao começo, antes do Édipo ou de outro nome, lá onde já buscávamos os alicerces de alguma duração. Ah, nossa edição final nunca está pronta,

² Ver capítulo 2.

³ Alusão ao verso de Manuel Bandeira (1983, p. 100): “- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.”

como cantou o poeta à beira do nascimento de um livro - ordenação da morte? - e ainda insatisfeito com as palavras buriladas durante toda uma vida dedicada a elas (Andrade, 1984a)⁴.

Amélia não jogava, não brincava e, ao tentar desenhar, imprimia sempre a mesma seqüência. Fazia um traço na folha, no máximo dois, depois julgava que eu o julgasse imperfeito, rasgava a folha, chorava, depois se retraía, enrodilhando-se no próprio corpo, quase sem forças de ir até o divã. Chegava cansada ao divã e deitava-se, encolhida, curvada como um feto. Mas eu havia lido sobre o acolhimento. Eu havia lido, reescrito, relido Édipo no original e nas adaptações. Eu havia lido e reescrito que nada mais era preciso do que sobreviver aos ataques (Winnicott, 1969; Gutfreind, 2005). Eu havia elaborado os mosaicos de meu pai. Eu acolhia. Eu pensava que acolhia. Agora eu estava apenas sentindo que estava enrodilhado e perdido num sábado de mosaicos perfeitos, inatingíveis. Ou num domingo, quando um velho bafudo e careca me disse, ao canto de uma festa, que minha mãe havia reescrito a história do Estado do RS. Hoje sei que minha mãe teve o mérito de escrever um ponto de vista de uma parte da história e ser quem ela era quando guardamos liberdade suficiente para olhar. Se não é pouco, há de ser mais leve para a transmissão.

Meses enrodilhados, duas crianças em cena, uma criança e um adulto que voltava a ser criança, pois voltamos a ser criança a cada uma que encontramos, no contexto evocativo presente, tão bem descrito por Daniel Stern (1997), que também se mostrara capaz de erigir mosaicos perfeitos, conceitos livres de pastilhas. Hoje sei que é preciso brincar com Daniel Stern. É preciso brincar com meu pai e minha mãe. É preciso brincar de tudo. Fora do humor e da brincadeira, não há salvação.

Era preciso brincar de poesia como na adolescência – infância revisitada – nos retiros de Santa Catarina, a quinhentos metros de amigos mergulhando nas águas cristalinas do Retiro dos Padres enquanto, na superfície profana, eu tentava em vão mergulhar no sentido da vida, mas ele faltava, no raso e no fundo, e me levava até a beira da morte, de onde saía pelas mãos de um amigo que vinha à tona, ou pela imaginação de pais mortos e reinventados. Ou pela baiana escultural e sorridente, que eu havia conhecido um ano antes, em Morro de São Paulo, entre amigos e a vontade de criar, de amar e de morrer. E de onde saía pelas palavras da poesia, reinventando pais, baiana, o mundo inteiro: “Por que mistério Barbara conseguiu transformar seu

⁴ Ver nota 12, p.16.

ferimento em poesia? Qual é o segredo da força que lhe permitiu colher flores no esterco?”⁵. Eu ainda não havia lido Cyrulnik (2004, p. 13), mas já vivia a resiliência. Eu era um adolescente, vivia e escrevia.

Amélia e eu éramos pessoas comuns, quase condenados à eterna repetição de nossas histórias. Mas, como num conto de Borges⁶ - este sim autor de mosaicos perfeitos -, havia algo a fazer. Éramos pessoas incomuns, únicas, originais. E criamos. Um dia, no meio de uma consulta, peguei uma folha de papel, dessas com dois traços abortados por Amélia, e o amassei. Eu sempre insistia em guardá-los, não amassava, fazia o papel de quem valorizava. Mas não fazia de dentro do meu passado, não era convincente. Dessa vez, amassei com a minha história de desenhos e pastilhas ecoando em Amélia, não para rasgar nem para destruir, para criar. Toda criação rasga e parte para não repetir o que já é (Paim Filho e Frizzo, 2008). A irrupção do real, na ordem simbólica, evoca um ar trágico: “(...)o que a pulsão repete implica sempre o novo(...)” (Garcia-Roza, 1999, p. 62). E, entre o simbólico e o real, entre a repetição de morte e a novidade de vida, criei um avião para partir com um piloto que precisava voar e voava, mas a tripulação de adultos - crianças disfarçadas -, gritava: - Cai fora, seu piloto ruim, voa direito, seu piloto horrível.

Amélia se assustou com o inusitado de me ver em seu lugar sofrido, mas este também tinha sido o meu lugar, e eu conhecia cada vão dos seus cantinhos. Passado o susto, ela pegou outra folha e fez um novo avião de vôos legais julgados horríveis. Agora já era possível brincar, ela criava.

Aquele *role play* durou meses. Não estávamos mais enrodilhados. Brincávamos na superfície profunda da vida, eu de ser ela, e ela de ser eu. Amélia era capaz de insistir em que eu parasse de criticar o piloto, mas eu não parava. Eu tinha aprendido com Jean François Rabain, meu professor de psicodrama, que é preciso muito teatro e mudança de ponto de vista até mudar a realidade (Kestenberg e Jeammet, 1987). Na mesma época em que eu fora atrás de Serge Lebovici, seu sogro, porque eu era apaixonado pela criatividade mostrada em seus livros. Num de meus primeiros encontros com Lebovici, acompanhando uma consulta tão enrodilhada como a de Amélia, o vi batendo nas mãos de uma menina. Ela batia em todos sob o olhar passivo dos pais deprimidos. Lebovici pediu uma, duas, três vezes que parasse, ela nada, junto ao vazio de seus pais. De repente, ele a pegou e bateu na sua mão; ela

⁵ Tradução de Mônica Stahel.

⁶ Ver capítulo 1.

gritou, os pais saíram do nada, e a consulta – perguntas sobre si mesmos -, começou. Levei meses para transformar a decepção na idéia de que o tapa também era a criação (a enação) da qual ninguém escapa se deseja partir do terrível de nossos primeiros capítulos, assim como bebê nenhum parte de mãe nenhuma se não for criando ou brincando com um adulto em estado de inutilidade notória, crivada de horas inúteis.

Amélia é caso único, feito o de Lebovici. Não tentemos repetir em casa, como costumavam nos prevenir os circos, berços de nossas primeiras criações. Repetir e copiar são perigosos, pode dar em não ser. Amélia é variante, original. Mas é também invariante e comum, pois não há paciente, criança ou adulto que não nos carregue para a parte insolúvel de sua história e da nossa ou não desafie a construção de uma nova para os dois. O mesmo desafio que os bebês lançam para os seus pais.

João, Eduardo, José, Cristina, Dora, Elizabeth em minha agenda e meus pensamentos, todos Amélia deixando de ser Amélia, levando-nos de volta aos mosaicos e mergulhos inatingíveis no começo, depois atingíveis e que voltam a ser inatingíveis a cada encontro que, primeiro, nos afunda. Somente criar nos traz à tona do naufrágio de um encontro⁷. Não há outro jeito, desses com fórmula ou receita. Não há remédio nem química eficaz. Não há nada além do espírito poético e aventureiro de mãe, pai e terapeuta num clima que nos faz reencontrar aquele bebê desesperado, careca e cagado.

Aquele que éramos ainda ontem, antes de criar e partir.

⁷ Referência aos versos de Mario Quintana (2005, p.59): “Ai de mim/Ai de ti, ó velho mar profundo,/Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!”.

